

SEQUÊNCIA 2

A figura de D. Sebastião n'Os Lusíadas e em Mensagem

Na terceira parte do poema *Os Lusíadas* (tendo em conta a estrutura interna da epopeia), o poeta dedica a sua obra ao rei D. Sebastião.

No texto camoniano, o jovem rei merece o enaltecimento do poeta, que o caracteriza em tom laudatório.

*“Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro”*

Para o poeta da epopeia lusa, o rei, senhor de um vasto império, significa a segurança e a garantia da independência do país. D. Sebastião surge ainda como aquele a quem cabe uma missão, no cumprimento da vontade de Deus: alargar a fé cristã.

*“E vós, [...]
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade,
[...]
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande.”*

De facto, D. Sebastião contribuiria para a perda da independência nacional, e o seu desaparecimento, no dia 4 de agosto de 1578, na batalha de Alcácer Quibir, constituiu a motivação da criação do mito sebastianista, de fundo messiânico, expressão da tentativa desesperada de reconquista da identidade perdida e da restauração da nacionalidade.

Fernando Pessoa evocou, na sua obra *Mensagem*, o mito sebastianista, apresentando o rei como “O Desejado” e, simultaneamente, dando cumprimento à aglutinação mítica que se encontra na origem do mito português, como “O Encoberto”.

No poema “D. Sebastião, Rei de Portugal” (incluso na primeira parte da obra *Mensagem*), o rei surge como uma figura arquetipal do esforço e da grandeza do herói português. A sua “loucura” adquire uma conotação positiva e associa-se à capacidade de sonhar e à esperança que caracterizam o herói, aquele que é capaz de superar a “besta”. É assim que o sujeito poético, cuja voz se identifica com a voz de D. Sebastião, dirige um apelo aos portugueses, estabelecendo a união entre o passado e o presente da nossa História:

*“Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.”*

Para Pessoa, o homem do século XX deveria deixar-se impregnar pela essência do mito sebastianista e conceber a “loucura” de D. Sebastião como o sonho que permitiria a renovação do país e a construção de um futuro promissor, isto é, o renascimento de Portugal.